

A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO PONTES PARA FUTUROS

Cacilda Maria de Almeida

Cacilda.Almeida@sebraemg.com.br

Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora - CER

Jaqueline Cristina Lima

Jaqueline.Lima@sebraemg.com.br

Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora – CER

Lilian da Silva Botelho

Lilian.Botelho@sebraemg.com.br

Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora – CER

Resumo: A educação empreendedora pode transformar e criar pontes para futuros, por meio de soluções, metodologias, ferramentas e plataformas. A análise teórica realizada buscou responder como é possível promover a educação empreendedora nas instituições de ensino, permitindo o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos jovens para a vida. A educação empreendedora representa experiências de estratégias de aprendizagem que desenvolvem competências e habilidades empreendedoras, alavancando uma nova educação para os futuros. Na sequência, são apresentadas estratégias de aprendizagem que podem ser aplicadas por educadores para disseminar a educação empreendedora. Ao final, apresentamos e temos o desafio de preparar os jovens com atitudes empreendedoras para uma atuação positiva que seja transformadora para sua vida e para o mundo.

Palavras-chave: empreendedorismo, educação empreendedora, estratégia de aprendizagem, *soft skills*, atitudes empreendedoras, competências.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar uma breve descrição à temática da educação empreendedora com uma abordagem de transformação do processo de ensino aprendizagem para educadores e instituições de ensino. Os desafios da educação empreendedora buscam disseminar conceitos e experiências capazes de gerar mudanças transformadoras no comportamento e no desenvolvimento de novas habilidades.

O empreendedorismo assume relevância e espaço nos currículos dos cursos dos diversos níveis de ensino. Este processo visa ao desenvolvimento da cultura empreendedora, numa perspectiva de competências empreendedoras, ensinar por meio e pelo empreendedorismo, independente das escolhas profissionais de futuro dos jovens. (LOPES, 2010).

A multidisciplinaridade nos diversos campos de atuação e possibilidades de implementação da educação empreendedora traz grandes desafios para os educadores, pesquisadores e especialistas, torna-se essencial diante das transformações de mercado e competências para o um novo profissional, que tenha capacidade de inovar e revolucionar o processo de inovação (SCHUMPETER, 1928, 1934).

Estudos sobre a temática do empreendedorismo ganha espaço e relevância em diversas publicações, apresentadas por pesquisadores de várias áreas do conhecimento. O que marca sua atuação multidisciplinar e convergente com áreas distintas, no âmbito do empreendedorismo. A educação empreendedora também dissemina diante destes estudos, e apresenta estratégias de ensino aprendizagem que propõe pensar uma nova forma de ensino, aprender e reaprender.

Assim, este trabalho visa relacionar as estratégias de ensino aprendizagem mais recentes acerca dos conceitos e implementação das iniciativas inovadoras no cenário da educação. O trabalho se apresenta com os conceitos e uma pesquisa bibliográfica que permita a compreensão do tema e possa gerar reflexões de pontes para futuros como a educação empreendedora.

EMPREENDEDORISMO

Arruda et al. (2015), apresenta um estudo sobre empreendedorismo que se fortalece desde a década de 70. O termo *entrepreneur* surgiu na França no século XII, neste cenário ainda é muito restrito o desenvolvimento do empreendedorismo e da inovação (CARLSSON et al., 2013).

Na década de 60 e 70 apresenta-se os estudos baseados na personalidade do empreendedor, em 1961 o psicólogo *David McClelland*, lança a obra *The Achieving Society* que passa a ser um dos principais escritos da área. (LANDSTRÖM et al., 2012).

Dolabela (2008), aponta que o empreendedorismo está associado à intenção de gerar melhorias na qualidade de vida de dada coletividade e não a valores exclusivamente econômicos. É uma forma de humanização, de se imprimirem ações empreendedoras em todas as atividades humanas, lucrativas ou não, na busca da construção do capital social e do desenvolvimento humano, social e econômico sustentável.

Para Mattos (2017), estudioso do empreendedorismo do século XXI, ser empreendedor não significa necessariamente, abrir uma empresa (...) empreendedor, é quem tem consciência do seu empoderamento – por isso, assume com autonomia o rumo da sua vida e constrói iniciativas que mudem a realidade para melhor. Diante disso, a educação empreendedora propõe um novo jeito de ensinar que compreenda um método de ensino e não um processo. Assim, para formar pessoas com atitudes empreendedoras, faz-se necessário compreender como pessoas empreendedoras aprendem, para então, disponibilizar métodos que possam ser incorporados pelos educadores no processo de ensino aprendizagem.

Desde 1980 o SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas trabalha com estudos que se baseiam nas características do comportamento empreendedor (CCE), para desenvolver metodologias que são oferecidas aos educadores e aos empreendedores. Nesta perspectiva o empreendedorismo se apresenta como uma forma de pensar e agir, desenvolvendo atitudes valiosas para a vida, que podem ser aprendidas, mesmo não tendo a intenção de abrir um negócio.

O empreendedorismo se faz repensar diante da educação empreendedora, diante deste contexto, até então restrito ao processo de criar algo diferente e com valor, dedicando tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal (HISRICH et al., 2014).

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

O estudo de Arruda et al. (2015) demonstra que são diversas as compreensões em torno do significado da educação empreendedora. A despeito das

divergências, é possível trabalhar com duas acepções que englobam de maneira geral tais compreensões. Há uma definição mais estrita e outra mais ampla acerca do ensino do empreendedorismo impactando o estudo da educação empreendedora. A definição estrita pensa o empreendedorismo como o estabelecimento de um novo negócio. Assim, o objetivo do treinamento é encorajar participantes a contemplar o empreendedorismo como uma opção de carreira e a abrir negócio. Já a definição ampla vai além e afirma que a educação empreendedora envolve o fomento de competências, habilidades e *soft skills*¹.

Na busca de fomentar e disseminar a educação empreendedora o SEBRAE cria em 2014, o CER - Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora que tem como proposta atuar como referência no desenvolvimento de estudos, pesquisas, ferramentas e tecnologias para a disseminação e fomento da educação empreendedora. Nessa nova perspectiva o empreendedorismo passou a ser entendido como ação e atitudes empreendedoras não somente no que se refere aos negócios. Vários movimentos surgiram e novas buscas continuam de modelos e práticas modernas sobre os temas.

Em publicações disponibilizadas pelo SEBRAE (2019), por meio do CER considera que a educação empreendedora desenvolve competências que promovem um movimento no processo de aprendizagem de forma integrada com saberes, habilidades e atitudes, diante de uma situação ativa real para transformação da sua realidade. Para fomentar a educação empreendedora é fundamental estimular a busca de autoconhecimento e autonomia pelos estudantes. Assim, tornar-se essencial incorporar elementos do contexto dos estudantes, facilita o aprendizado coerente à realidade do seu entorno.

Dolabela (2008), propõe um olhar comparativo entre a educação tradicional e a educação empreendedora que representa a aplicabilidade e desenvolvimento de competências:

¹ *Soft skills* - são competências relacionadas às qualidades pessoais de comunicação interpessoal, foram inicialmente consideradas, competências adquiridas fora do sistema escolar e podem ser desenvolvidas dentro das IES, através da educação empreendedora. (Estudos do CER 2015).

Educação tradicional	Educação empreendedora
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo professor	Apropriação do aprendizado pelo aluno
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e os alunos geram conhecimento
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades
Objetivos de ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear	Aumento da racionalidade por estratégias não holísticas, não-lineares, intuitivas
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.

Fonte: Dolabella (2008, p. 153).

Para o SEBRAE a educação empreendedora faz parte da aprendizagem nas diversas etapas do ensino e componentes curriculares do ensino, e também como educação continuada para empreendedores e potenciais empreendedores, disponibilizando capacitações como o Empretec, que tem o objetivo de desenvolver comportamentos empreendedores, a partir dos estudos de características empreendedoras. Aos educadores e instituições de ensino, a atuação do SEBRAE é por meio do Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), que busca capacitar educadores de todos os níveis fundamental, médio, técnico e

superior, com a finalidade de promover o desenvolvimento de competências empreendedoras e a inserção no mercado de trabalho dos jovens estudantes.

A educação empreendedora proposta pelo SEBRAE visa complementar as práticas de aprendizagem, considerando os seguintes fundamentos: a autonomia para aprender, o desenvolvimento de atributos e atitudes essenciais e incentivar competência para gerência da vida pessoal, profissional e social do jovem estudante. Essa proposta está em consonância com os quatro pilares da educação, propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco):

[...] aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes (DELORS, 1999, p. 90).

Os desafios da educação empreendedora estão em promover uma aprendizagem que possibilite ao jovem empreendedor mobilizar conhecimento, atitude e habilidades para que ele possa empreender em diferentes situações de sua vida: pessoais, profissionais e sociais. Os espaços de aprendizagem exercem influência significativa no processo de implementação da educação empreendedora, por promover conexões, interação, sinergia e colaboração entre os indivíduos para uma experiência de aprendizagem que faça sentido para o estudante (SEBRAE, 2015).

Nos referenciais educacionais do Sebrae (2015), apresenta vários recursos tecnológicos, didáticos e instrucionais que podem ser utilizados para formatar e apoiar processos de aprendizagem. Com foco no desenvolvimento de competências cognitivas, atitudinais e operacionais, em um processo de educação empreendedora que dever ser contínuo, com a utilização de diferentes ferramentas tecnológicas, metodologias e estratégias de ensino para promover o aprendizado.

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

De acordo com Ferreira (2010), o processo de ensino-aprendizagem é hoje entendido como uma construção que envolve um papel ativo por parte do estudante. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível que o estudante desenvolva a capacidade de estabelecer as próprias metas, planejar e monitorar seus esforços na direção de um melhor desempenho acadêmico, direcionando em certa medida, sua aprendizagem no contexto da educação.

As metodologias ativas buscam combinar teorias de aprendizagem com experiências, para gerar uma aprendizagem significativa para o estudante, além de apresentar novas possibilidades de atuação para os educadores, diante da necessidade de uma educação que atenda os desafios deste século XXI.

A abordagem de ensino aprendizagem que busca como estratégia a metodologia ativa propõe inovações que irão transformar o modelo tradicional de educação centrado no professor, conteúdo seguido por livro didático e passividade do estudante.

A aplicação de metodologias ativas, não necessariamente pressupõe o uso de tecnologias; o que busca é uma abordagem metodológica que seja capaz de desenvolver o pensamento crítico, criativo e a colaboração do estudante. Com infinitas possibilidades de aplicação, que estimule o aprender a aprender sozinho, personalizado, entre pares ou em grupos. Desenvolvendo competências que se mobilizam na busca de solucionar problemas e desafios, seja em uma construção real ou simulada.

Para Bacich e Moran (2018), “metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível e interligada”. Com proposições de situações de aprendizagem que envolvam os estudantes, a partir do aprender a ser, conhecer, conviver e fazer, desta forma construir novos conhecimentos diante de uma realidade abstrata que possa ser projetada para sua realidade. Nesta proposta metodológica, o professor tem um papel relevante no processo diante dos diversos contextos e realidades dos estudantes, além de atuar na busca do engajamento e ser flexível para personalizar a aprendizagem dos estudantes para criar.

O educador tem um papel primordial neste processo, engajado com a proposta de metodologias e ser flexível a atuar com diversos contextos e realidade, gerando resultados improváveis ou não planejados, tendo como horizonte o compromisso com a mudança de cultura e comportamento dos estudantes. A abordagem de metodologias ativas contribui e apoia na execução de uma estruturação de currículo integrado com a comunidade acadêmica, envolvendo estudantes, instituições de ensino e o município em um contexto de movimento para a inovação. As experiências geradas pelas metodologias ativas conectam conteúdos e espaços, que podem ser realizadas na educação básica e no ensino superior.

Aprendizagem por projetos

Como nos mostra Bergan (2014), a aprendizagem baseada em projetos é um modelo de ensino que consiste em permitir que os estudantes confrontem

as questões e os problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-lo e, então, agindo de forma cooperativa em busca de soluções. Uma estratégia de aprendizagem que utiliza metodologias em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para desenvolver um projeto. Tudo começa com um problema ou questão inicial, que estimula um trabalho de investigação que envolve pesquisa, elaboração de hipóteses, busca por recursos e aplicação prática do aprendido até chegar ao resultado final.

Esta metodologia permite forte conexão entre o aprender e o fazer, o aprendido nesse método acontece na exploração do contexto, da comunicação entre pares e da criação a partir do conhecimento. Para aplicar segue-se as etapas da realização do projeto: criação e planejamento: definição do problema, atividades a serem realizadas, elaboração do cronograma; desenvolvimento: manter os estudantes engajados, criar espaços de diálogo e troca, realização de pesquisas; monitoramento e avaliação: acompanhamento e registro das atividades, avaliação se as atividades realizadas cumprem o objetivo de ensino, momento de correção e ajustes de rota; encerramento: momento de colheita de aprendizados junto aos estudantes e divulgação dos resultados.

Design Thinking

É uma estratégia de análise de problemas e levantamento de soluções com foco no desenvolvimento de processos criativos que ajudam a desenhar soluções significativas na aula, na escola e na comunidade. Trata-se de um enfoque estruturado para a geração e organização das ideias. O SEBRAE utiliza em suas soluções cinco fases que são: descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução. Essa organização ajuda a conduzir o desenvolvimento, desde a identificação de um problema até a busca e construção de uma solução. O *Design Thinking* é uma abordagem metodológica que busca envolvimento com o usuário, pensamento multidisciplinar, acompanhado de diagnóstico, solução e protótipos.

O *Design Thinking* é uma abordagem que busca a solução de problemas de forma coletiva e colaborativa, em uma perspectiva de empatia máxima com seus *stakeholders* (interessados): as pessoas são colocadas no centro de desenvolvimento do produto – não somente o consumidor final, mas todos os envolvidos na ideia (trabalhos em equipes multidisciplinares são comuns nesse conceito). O processo consiste em tentar mapear e mesclar a experiência cultural, a visão de mundo e os processos inseridos na vida dos indivíduos, no intuito de obter uma visão mais completa na solução de problemas e, dessa

forma, melhor identificar as barreiras e gerar alternativas viáveis para transpô-las (ENDEAVOR, 2019).

Gamificação

O termo *gamificação*, segundo Kapp (2012), significa utilizar as estratégias, a estética e o pensamento dos jogos com o objetivo de encorajar as pessoas, motivar as ações, promover aprendizado e resolver problemas. O termo teve origem na indústria de mídias digitais em 2008, mas foi popularizado somente na segunda metade de 2010 (DETERDING et al., 2011). Muntean (2011) relata que as premissas da *gamificação* podem ser aplicadas em processos de jogos educacionais associando a motivação intrínseca à extrínseca objetivando melhorar o engajamento e interesse do aprendiz. A *gamificação* é sustentada a partir dos princípios do design de jogos. Esses princípios definem o que são jogos e como eles funcionam, bem como os elementos do *design* que o compõem. Os jogos educacionais destacam-se como ferramentas que facilitam no ensino e aprendizagem dos usuários, no entanto esta deve estar interligada a outros recursos de aprendizagem (MUNTEAN, 2011).

A *gamificação* pressupõe a utilização de elementos tradicionalmente encontrados nos *games*, como: narrativa, sistema de *feedback*, sistema de recompensas, conflito, cooperação, competição, objetivos e regras claras, níveis, tentativa e erro, diversão, interação, interatividade, entre outros, características essas que podem se aplicar em programas diferenciados de aprendizagem de conteúdo.

Sala de Aula Invertida

Para Bergmann e Sams (2016), os criadores da estratégia, a inversão da sala de aula estabelece um referencial que oferece aos estudantes uma educação personalizada, ajustada sob medida às suas necessidades individuais.

Na Sala de Aula Invertida o contato com o conteúdo acontece antes de os estudantes participarem das aulas. O conteúdo é fornecido com antecedência para que eles se preparem. Nas aulas, os alunos são instigados a tirar dúvidas, fazer perguntas, apresentar seus pontos de vista sobre o assunto, conduzir e participar de debates, realizarem experimentos, protagonizando seu processo de aprendizagem. Nessa estratégia de aprendizagem o professor assume o papel de facilitador, coordenando os trabalhos, sugerindo novas leituras, filmes, vídeos e outros recursos educativos que possam enriquecer e aprofundar o conhecimento dos alunos.

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DO FUTURO

As transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho ao longo dos anos e faz com que todo o ecossistema educacional se mobilize, refletindo sobre a preparação do futuro das novas gerações. E com este olhar faz-se necessário trazer para a formação dos jovens maneiras, ferramentas e conteúdo para que possam desenvolver essas competências e *soft skills*. Com isso os jovens serão capazes de se prepararem e de se adaptarem as mudanças que ocorrem de forma cada vez mais veloz, tanto nos aspectos sociais, econômicos, tecnológicos, como nos comportamentais. A ideia não é formar o cidadão para as profissões do futuro, mas promover a formação de competências aderente ao que o novo mundo propõe.

Para o SEBRAE a educação empreendedora estimula o desenvolvimento de habilidades, atitudes e características pessoais tendo como base uma metodologia vivencial, prática e contextualizada. Ela fundamenta sua ação educativa no desenvolvimento de competências e *soft skills* que permitam aos estudantes aprimorar suas habilidades e se tornar capazes de criar e adaptar-se ao futuro. Assim, a educação empreendedora estimula atitudes e comportamentos empreendedores que favoreçam o desenvolvimento de um *mindset* de crescimento.

A maior parte da literatura separa as competências técnicas profissionais das competências de habilidades de comunicação interpessoais, as denominadas *soft skills*. As primeiras são aquelas habilidades básicas dentro da área de formação técnica. O domínio dessas competências faz parte do processo educativo adquirido nas instituições de ensino superior, IES. As segundas, as *soft skills*, estando relacionadas às qualidades pessoais de comunicação interpessoal, foram inicialmente consideradas, competências adquiridas fora do sistema escolar. O estado atual do debate considera esse argumento superado. Dessa forma, o desenvolvimento das chamadas *soft skills*, pode e deve ser desenvolvido dentro das IES. Nessa perspectiva a empregabilidade dos jovens formandos será ampliada na medida em que as suas competências, profissionais e interpessoais, sejam adequadamente adquiridas ao longo da sua formação escolar, particularmente da universitária (ROLIM, TAYLOR, 2017).

Movimento vem acontecendo como as ações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo MEC em 2018, que traz uma educação com base em habilidades e competências que abrange o ensino cognitivo, mas também vai além trazendo a proposta socioemocional nos currículos escolares. A BNCC

mostra o que deve ser ensinado com orientações e normas para a execução desta nova diretriz em sala de aula.

As soft skills são competências subjetivas que interferem diretamente na forma como o indivíduo encara desafios e se relaciona em comunidade. Elas são intangíveis e de difícil identificação, pois estão relacionadas diretamente à inteligência emocional e aspectos de personalidades das pessoas. E são adquiridas ao longo da vida por meio de experiências de aprendizagem, que ocorre não só no ambiente escolar, mas fora dele também.

As competências propostas e listadas pelo MEC na BNCC (2018), que deve orientar a atuação das escolas, nos próximos anos são: 1.Conhecimento; 2.Pensamento Científico, Crítico e Criativo; 3.Repertório Cultural; 4.Comunicação; 5.Cultura Digital; 6.Trabalho e Projeto de Vida; 7.Argumentação; 8.Autoconhecimento e Autocuidado; 9.Empatia e Cooperação; 10.Responsabilidade e Cidadania.

Um estudo relevante produzido pelo *Institute for the Future for the University of Phoenix Research Institute: o Future WorkSkills 2020*, traz como complemento outras indicações de competências como por exemplo, sensemaking ou seja ter capacidade de dar sentido e significado ao que está sendo expresso, inteligência social, adaptabilidade e gerenciamento cognitivo.

Estas competências estão sendo debatidas e discutidas no âmbito da Educação Empreendedora que tem a proposta de desenvolver o comportamento empreendedor, ou seja, ensinar e aprender sobre empreendedorismo.

A pesquisadora Carol Dweck (2017), dedicou-se a entender como as pessoas lidam com fracassos. Quando iniciou seus estudos ela acreditava que as qualidades humanas eram pré-determinadas a partir do momento que você vinha ao mundo. Para ela uma pessoa era inteligente ou não era, era criativa ou não era. Não havia espaço para esforços, erros ou perseverança. Foi apenas quando observou crianças tentando resolver uma série de quebra cabeças, ela percebeu um tipo de comportamento diferente. Por mais complexa que as tarefas ficavam, as crianças demonstravam curiosidade, motivação e euforia para lidar com elas. O que as crianças intuitivamente sabiam e Carol Dweck pode aprender ao observá-las é “que as qualidades humanas, tais como as habilidades intelectuais podem ser cultivadas por meio do esforço” (Dweck, 2017 p. 12). Essa observação fez com que ela entendesse o papel do *mindset* ou da mentalidade de uma pessoa em relação ao seu sucesso ou fracasso. A partir dos seus estudos, Dweck propôs dois *mindsets* ou modelos mentais: o ***mindset fixo*** e o ***mindset de crescimento***.

MINDSET FIXO	MINDSET DE CRESCIMENTO
<p>Pessoas que têm um <i>mindset</i> fixo acreditam que nasceram com um grupo de características – Inteligência, personalidade, caráter – que são imutáveis. Elas não lidam bem com os erros e por pensar dessa forma, evitam novos desafios ou experiências com receio de parecerem deficientes em alguma dessas características.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Crê que inteligência e habilidades são natos ▪ Tem dificuldades em ver as próprias limitações ▪ Evita desafios por medo de revelar fraquezas ▪ Não crê que esforço possa gerar mudanças ▪ Encara problemas sem esperança em resolver 	<p>Pessoas com um <i>mindset</i> de crescimento acreditam que são capazes de cultivar e desenvolver novas habilidades a partir do seu próprio esforço. Dessa forma, entendem sua jornada como um processo de aprendizado se tornando melhor em algo conforme trabalham e desenvolvem aquela característica.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Crê no desenvolvimento da inteligência e habilidades ▪ Busca aprendizado para superar limitações ▪ Abraça desafios e encara falhas como aprendizados ▪ Vê o esforço como caminho para excelência ▪ Enfrenta os problemas com entusiasmo

Fonte: Dweck (2017).

Neste aspecto a Educação Empreendedora fundamenta a sua ação educativa no desenvolvimento de competências que permitam aos estudantes aprimorarem suas habilidades ao longo da vida, capazes de criar e adaptar-se ao futuro. Assim, a educação empreendedora estimula atitudes e comportamentos empreendedores que favoreçam o desenvolvimento de um *mindset* de crescimento.

Para o desenvolvimento do *mindset* empreendedor o SEBRAE apresenta algumas fases a serem percorridas pelo jovem empreendedor, que busca concretizar suas ideias. Essa abordagem apresenta uma jornada empreendedora de aprendizagem a ser experimentada, que é proposta em quatro fases:

Descoberta: processo de autoconhecimento onde o indivíduo busca encontrar o seu propósito e conectar seus talentos a novas oportunidades.

Ideação: geração e seleção de ideias. Aqui o indivíduo busca o seu propósito para transformá-lo em realidade, com atitude e capacidade criativa transforma ideias em oportunidades.

Modelagem: nessa etapa o indivíduo transforma a oportunidade em uma proposta de valor a partir de um processo de construção, captura e entrega de valor para outras pessoas.

Implantação: nessa última fase há uma estruturação, na prática, do projeto a partir do desenvolvimento da ideia.

Nessa jornada do pensamento empreendedor pode-se observar que a prática da educação empreendedora, tanto pode se voltar para objetivos individuais como também, por exemplo, para sonhos, metas e realização pessoal, como também desenvolver objetivos com visão coletiva. A metodologia da educação empreendedora preza pelo aprendizado na prática, portanto, sua abordagem se distingue das metodologias tradicionais, pois o foco é no processo de aprendizagem, na ação, aprender fazendo e consequentemente promovendo o desenvolvimento de competências necessárias o século XXI.

CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÃO

Alguns educadores buscam oportunidades e ferramentas para construir uma nova maneira de ensinar e, nesse sentido, a educação empreendedora pode ser um meio de transformar a vida dos alunos e da comunidade. Como por exemplo, o caso da aluna Guilhermina de Abreu do NEJ - Núcleo Empreendedorismo Juvenil, um projeto da Escola de Formação Gerencial do Sebrae, em Belo Horizonte, MG. Ela começou sua jornada de aprendizado em escolas particulares, até que teve que mudar para uma escola pública quando tinha 8 anos. A grande diferença na qualidade do ensino fez com que ela se sentisse desmotivada com a escola. Mais aí teve a oportunidade de conhecer mais sobre empreendedorismo entrando para o NEJ. Lá conhece as soluções de educação empreendedora que o SEBRAE oferece nas metodologias da EFG e começa sua jornada empreendedora. A partir daí funda com mais colegas os Embaixadores de Minas, projeto social que fomenta o ensino da educação empreendedora para jovens da rede pública e é fundadora do NaAção, organização que apoia e acelera projetos de impacto social.

A educação empreendedora possibilita abrir as fronteiras do conhecimento, desenvolver várias competências como: o raciocínio lógico, capacidade de análise e resolução de problemas, autonomia, capacidade de adaptar as novas situações, criar soluções, criatividade, resiliência. Comportamentos e habilidades estas, totalmente aderente às necessidades do mercado. Podemos destacar outras competências empreendedoras segundo o Guia Essencial para Empreendedores (SEBRAE, 2017), tais como a persistência: qualidade que nos mantém motivados e confiantes, a resiliência: capacidade de as pessoas voltarem ao seu estado normal após situações incomuns e complicadas, desenvolvendo a capacidade de resolver problemas, a mente aberta: habilidade de expandir e ampliar o conhecimentos acessando cada vez mais livros, revistas, cursos, networking e a mentoria: competência de receber conselhos e aprender com quem tem mais experiência, para tomar decisões com mais segurança.

Muitos são os desafios, mas não adianta desenvolver todas as competências citadas se os estudantes não conectarem com anseios e desejos. A finalidade desta abordagem de formação é fazer com que os estudantes desenvolvam competências empreendedoras atreladas ao projeto de vida. Para isto é importante que compreendam o que é propósito.

O propósito significa dar sentido à vida, importar com os outros, contribuir para um mundo melhor e deixar um legado. E no empreendedorismo não é diferente, segundo o estudo “Juventude Conectada – Edição Especial Empreendedorismo”, da Fundação Telefônica Vivo, em parceria com o Ibope e a Rede Conhecimento Social, 61% dos jovens afirmaram que empreender é ter um propósito de vida.

Esse estudo mostrou, em termos gerais, que a prática da educação empreendedora é uma tendência cada vez mais presente, principalmente entre os jovens, mas que muito se tem que estudar, aperfeiçoar e disseminar as novas maneiras de enxergar o empreendedorismo e a educação empreendedora.

Evidencia-se a importância de as instituições de ensino promover a formação empreendedora aos estudantes, pois através dela haverá o transbordamento para o entorno, transformando a educação empreendedora em ferramenta usada em prol de uma sociedade melhor.

Finalmente, sugere-se a continuidade e estímulo da criação de ferramentas, metodologias e práticas onde os indivíduos possam fortalecer suas atitudes empreendedoras, inclusive incentivando os que já são empresários a buscarem atualização de conhecimento e melhores maneiras de gerenciar seus negócios.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Carlos; BURCHARTH, Ana; ASSIS, Michele. **Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora** - Relatório 1 da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo realizada pela FDC juntamente com o SEBRAE MG, 2015.

ARRUDA, Carlos; BURCHARTH, Ana; ASSIS, Michele. **Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora** - Relatório 2 da Pesquisa Bibliográfica sobre Educação Empreendedora realizada pela FDC juntamente com o SEBRAE MG, 2015.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias Ativas para Educação Inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BENDER, Willian N. **Aprendizagem Baseada em Projetos**: Educação Diferenciada para o Século XXI. Tradução : Fernando de Siqueira Rodrigues. Porto Alegre: Penso, 2014.

BERGMANN, J.; SAMS, Aaron. **Sala de Aula Invertida**. Uma Metodologia Ativa de Aprendizagem. São Paulo: Editora LTC, 2016.

CARLSSON, B., BRAUNERHJELM, P., MCKELVEY, M., OLOFSSON, C., PERSSON, L., YLINENPÄÄ, H. **The Evolving Domain of Entrepreneurship Research**. Small Business Economics, 41, 913-930. 2013.

DELORS, Jacques. **Educação**: Um Tesouro a descobrir. São Paulo: Editora Cortes, 1999.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FERREIRA, Liliane Neves Inglês de Souza. Estratégias de aprendizagem e Fatores Motivacionais Relacionados. **Educa em Revista** [em línea]. 2010. (36). 95-107.

FERREIRA, M. P. V.; PINTO, C. F.; MIRANDA, R. M. Três décadas de pesquisa em empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais de empreendedorismo. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 21, n. 2, p. 406-436, 2015.

GIMENEZ, F. A. P. **Empreendedorismo**: bibliografia de artigos publicados em periódicos brasileiros. Curitiba: Ed. do autor, 2017.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. São Paulo: Bookman, 2014.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G.; ÅSTRÖM, F. **Entrepreneurship**: Exploring the knowledge base. *ResearchPolicy* 41, 1154-1181, 2012.

LOPES, Rose Mary Almeida (org.). **Educação Empreendedora** – conceitos, modelos e práticas, São Paulo: Sebrae, 2010.

MATOS, Carolina Maria Furtado; LIZOTE, Suzete Antonieta; VERDINELLI, Miguel Angel; CAVALHEIRO, Cledinei Clovis de Melo. **Influência da Educação Empreendedora no Desenvolvimento da Autoeficácia e das Competências Empreendedoras**. Loja - Equador: XVIII Colóquio Internacional de Gestión universitária. Campus UTPL. 2018

MATTOS, Tiago. **Vai lá e Faz**: como empreender na era digital e tirar ideias do papel. 1. ed. Belas Letras, 2017.

ROLIM, Cássio; MACHADO-TAYLOR, Maria de Lourdes. **Hard X Soft Skills e Desemprego entre Graduados Universitários**. Artigo submetido 2017: Comunicação submetida à sessão especial A empregabilidade dos formandos do Ensino Superior.

Programa Nacional de Educação Empreendedora do Sebrae: Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/Sou-professor:-a-proposta-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Empreendedora-do-Sebrae>. Acesso em: 02 set. 2019.

SEBRAE MG - **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas** – Referências Educacionais, 2015.

SEBRAE MG - **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas** – estudos e informações sobre o Programa Nacional de Educação Empreendedora – dados até 2019

Endeavor: Disponível em: https://endeavor.org.br/tecnologia/design-thinking-inovacao/?gclid=Cj0KCQjwrMHsBRCIARIsAFgSeI2qGGLVDNY-v_58JEO-c6jT7fniaDHJlhZIh57t-zguCBvhJKhTXIlgaAuXyEALw_wcB. Acesso em: 02 set. 2019.

DETERDING, S.; DIXON, D.; KHALED, R.; NACKE, L. E. **Gamification: Toward a Definition.** Conference on Human Factors in Computing Systems. Anais. p.12-15, 2011. 14 Vancouver: ACM Press. Disponível em: <http://gamification-research.org/wp-content/uploads/2011/04/02-Deterding-Khaled-Nacke-Dixon.pdf>. Acesso em: 9 set. 2013.

MUNTEAN, C. I. **Raising engagement in e-learning through gamification.** The 6th International Conference on Virtual Learning ICVL 2011. Anais. p.323–329, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/36387149/Raising_engagement_in_e-learning_through_gamification. Acesso em: 17 set. 2013.

